

AS MUITAS FACES DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Lidice Meyer Pinto Ribeiro¹

Resumo: Através da análise da iconografia de Nossa Senhora dos Remédios, o objetivo deste trabalho é identificar a difusão desta devoção e suas características marcantes e diferenciadoras no que tange a sua íntima correlação com o ideal de libertação de cativos. Para tanto realizou-se pesquisas de campo na França, Espanha, Portugal, Itália (Roma, Arquivos Secretos do Vaticano) e em diversos locais do Brasil, sempre em busca de imagens representativas de Nossa Senhora dos Remédios. Observou-se que a mudança ocorrida na devoção do século XII ao século XXI pode ser percebida através das alterações sofridas pelas representações físicas desta invocação.

Palavras-chave: Nossa Senhora dos Remédios. Ordem da Santíssima Trindade e Redenção de Cativos. Trinitários. Nossa Senhora do Leite.

Abstract: This paper analyse the spread of Our Lady of Good Remedy's devotion and its distinguishing characteristics in relation to its intimate correlation with the ideal of captive liberation. through its iconography In orther to obtain this, the research was carried out in France, Spain, Portugal, Italy (Rome, Vatican Secret Archives) and in various places in Brazil, always searching for representative images of Our Lady of Good Remedy. It was observed that the change in devotion from the twelfth to the twenty-first century can be perceived through the changes undergone by the physical representations of this invocation.

Keywords: Our Lady of Good Remedy. Order of Saint Trinity and Redemption of Captives. Trinitarians. Our Lady of the Milk.

¹ Pós-doutoranda em Estudos de Globalização pela Universidade Aberta de Lisboa/CLEPUL. Pós-Doutora em Antropologia e História pela Universidade de São Paulo. Doutora em Antropologia Social pela mesma Universidade. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Contato: lidice.ribeiro@mackenzie.br

INTRODUÇÃO

Segundo Megale (2008, p. 16), as primeiras imagens de Maria foram as Virgens Orantes das Catacumbas, representadas sempre em pé, com os braços abertos. Teria sido apenas após o Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., que defendeu ser Maria a “portadora de Deus” ou “mãe de Deus”² (*Theotókos*) que as imagens de Nossa Senhora começaram a ser diversificadas e cada vez mais difundidas.

Achados arqueológicos do período Paleolítico, porém, mostram a existência de divindades femininas representadas através de esculturas e pinturas simbolizando a fertilidade e a sacralidade da vida na Grande Mãe. Desde os seus primórdios, o homem já demonstrava uma veneração especial pela figura feminina. A religião refletia a importância da mulher como fonte de fertilidade e preservação da vida.

Alguns autores, como Chiavenato (2002), apontam para uma correlação simbólica entre a devoção a Maria e a crença mitológica na Grande Mãe, que teria sido assimilada pelos cristãos primitivos na figura da Virgem. Nas regiões do antigo império romano, restam alguns indícios desta correlação, sendo alguns deles relacionados no estudo *Origens Orientais da Religião Portuguesa*, de Moisés Espírito Santo, e em *As religiões da Lusitânia*³, de Leite Vasconcelos. Carvalhinhos (2005, p. 165) considera que “a figura de Maria é um símbolo ou um arquétipo da Grande Mãe, ou das antigas divindades pagãs” apontando para o fato da valorização de Nossa Senhora ser uma “manobra de sucesso, por parte da Igreja Católica, para consolidar seu poder no Império Romano, através da criação de um símbolo feminino divino”.

² “...nosso Senhor Jesus Cristo.... gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para a nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus (*Theotókos*)” (Concílio de Calcedônia, Actio V. Mansi, VII, 116s. In: BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1998. p. 101).

³ VASCONCELOS, José Leite de. *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988-1989.

Moisés Espírito Santo (1988, p. 29) classifica o culto mariano através de duas designações: *tópico*, quando se relaciona a uma determinada povoação ou lugar, caracterizando a devoção como “protetora ou fundadora de um grupo étnico ou territorial”, ou quanto à *função* da invocação: “Nossa Senhora tem de ter um nome particular, de outro modo não existe, não tem personalidade própria, e, portanto, não pode agir”. Para esse autor, portanto, as devoções a Nossa Senhora estão fortemente ligadas a uma localidade como no caso de Nossa Senhora de Fátima, por ter aparecido na cidade deste nome, ou, a uma referência direta a uma característica ou qualidade de Maria, como “das dores”, “da saúde” etc.

O progresso do papel da iconografia cristã está intimamente ligado ao desenvolvimento do cristianismo. Em seus primórdios, a figura de Cristo era representada por símbolos como pão e vinho, cordeiro ou peixe. Foi só a partir do final do século III que começam a representar Jesus com figura humana nas catacumbas. Foi especialmente com a afirmação da humanidade de Cristo e o desenvolvimento do culto à sua mãe que houve um impulso ao desenvolvimento de uma cultura visual cristã.

Se a Igreja conferiu um papel crescente às imagens no culto e na devoção, foi porque as imagens, mais do que a palavra dos pregadores (a leitura dos livros não sendo acessível senão a uma pequena minoria), exercia sobre a imaginação dos fiéis uma ação decisiva considerada benéfica (Schmitt, 2007, p. 353).

Dentro de uma sociedade, em sua maioria composta por analfabetos, sem acesso ao estudo da Bíblia por si só, criou-se naturalmente uma “religião das imagens”. A imagem se tornaria uma fonte de inspiração para o fiel, mas também de ensino. É dentro desta perspectiva que o culto às imagens foi transladado de Portugal para as suas colônias.

A importância da iconografia nas missões católicas no Novo Mundo é bem expressa por uma carta datada de 1633, onde o frei Gabriel do Espírito

Santo, missionário da Ordem Franciscana no Brasil solicita uma licença especial para a importação de imagens e de relíquias de santos⁴.

O catolicismo denominado santorial (Camargo, 1973, p. 32) tem como característica o culto aos santos, e é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presente no Brasil desde o período da colonização. “É um catolicismo leigo, não apenas pela escassez histórica do clero, mas pela própria estrutura da experiência religiosa em que se baseia” (Antoniazzi, 1989, p. 14). Foi este tipo de culto que marcou a dinâmica religiosa do Brasil colonial, com caráter predominantemente leigo, seja nas irmandades, confrarias, como nos oratórios particulares, capelas de sítio ou de beira de estradas.

Os santos penetram na vida dos que os veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar, nos casamentos, nos amores. E tudo isso sem cerimônia, sem se precisar de apresentação, sem intermediário. Tudo se passa entre o santo e seu devoto (Rolim, 1976, p. 159).

Nesse sentido há, da mesma forma que ocorre com os santos, a identificação de características e “poderes” atribuídos à mãe de Jesus e às necessidades do cotidiano, dando origem às diversas invocações de Maria⁵. Muitas destas invocações foram tão bem aceitas dentro da religiosidade popular que

⁴ Archivio Romano di Propaganda Fide, Scritture originali riferite nelle Congregazioni Generali, cod. 260, f. 283 apud DELL’AIRA, Alessandro. Le navire de la reine et du sainte esclave de la Méditerranée au Brésil. *Cahiers de la Méditerranée*, Nice, n. 65, p. 329-339, 2002. p. 338.

⁵ A Igreja Católica Romana orienta os devotos a distinguirem os cultos a Deus, a Maria e aos Santos, dando a estes designações diferentes. O culto de *latría* (adoração) deveria ser prestado apenas a Deus (Santíssima Trindade), aos santos deve-se prestar veneração (culto de *dulia*) e a Maria, admite-se um culto intermediário (*hiperdulia*), maior que uma veneração, mas sem ser adoração. Apesar destas orientações canônicas, o catolicismo popular não distingue estes três tipos de culto, fazendo separação apenas entre o culto a Deus (não imagético) e o culto a Jesus, ao Divino Espírito Santo, a Maria e aos Santos (aproximados aos fiéis através de imagens).

acabaram por adquirir personalidade própria, como que separada da pessoa de Maria. É comum encontrarmos diversas imagens de diferentes devoções marianas como Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida, ocupando lugar lado a lado nos altares e oratórios particulares ou em igrejas, e recebendo invocações e devoções próprias, como se representassem santas diferenciadas. Muitas vezes, dentro do imaginário popular, estas devoções se distanciam da associação com a figura da mãe de Jesus. No imaginário do fiel, as imagens que trazem o menino Jesus ao colo e a de Nossa Senhora das Dores, estas sim, representam a “mãe de Deus”. As demais, vão aos poucos se distanciando de sua origem, adquirindo histórias próprias, orações próprias e fiéis próprios. As invocações que Maria recebe individualizam, particularizam e criam em elo afetivo maior entre a comunidade e o alvo da devoção.

“São tantos os títulos que a Santa Igreja ou a devoção, a piedade, a gratidão e a confiança dos fiéis deram à mãe de Deus que de muitos deles nem todos sabem a origem” (Aducci, 2003, p. 11). Estudando estes títulos, Aducci classifica alguns como litúrgicos e outros como históricos, situando-os por ordem de aparição do século I ao século XX. Em sua maioria considera que os títulos foram dados por causa de aparições ou de imagens encontradas ou por certa circunstância comprobatória da intervenção milagrosa de Maria.

Mas, se por um lado, a multiplicação de invocações marianas facilitou a penetração do catolicismo nas camadas populares brasileiras, por outro lado criou uma ideia de multiplicidade de personalidades na mesma pessoa, a saber, a Virgem Maria, e facilitou a ocorrência de um sincretismo, como o demonstrado por Sidney da Silva entre imigrantes bolivianos que sintetizam a Virgem e a divindade andina Pachamama em uma única pessoa: “uma vez que para os indígenas aimarás o termo virgem corresponde a divindade feminina, o que permitiu a identificação da Virgem Maria com a divindade andina Pachamama” (Barnadas, 1977, p. 45 apud Silva, 2003, p. 105).

Renata Menezes (2005, p. 26) ressalta que o culto aos santos é interessante como objeto de estudo por sua ambivalência: demarca fronteiras dentro do mundo cristão e extrapola os limites do catolicismo indo de encontro a religiosidades ou espiritualidades difusas. De fato, a imagem da Virgem é

um dos aspectos mais distintivos das duas vertentes do cristianismo, separando católicos e protestantes em dois blocos distintos, onde um a venera enquanto o outro procura por muitos modos dessacralizá-la. Há uma espécie de recusa do protestantismo em reconhecer em Maria um destaque perante todas as demais mulheres do mundo. Apesar da própria Bíblia a considerar “bendita entre as mulheres” (Lucas 1:42), em resultado contrário aos dogmas católicos da Maternidade Divina, da Virgindade Perpétua, da Imaculada Conceição e da Assunção aos Céus, os protestantes criaram uma espécie de rejeição incondicional a Maria e a tudo que lhe diz respeito.

Por outro lado, a feminilidade e a maternidade de Maria a aproximam do indivíduo brasileiro comum, carente dos cuidados celestiais e muitas vezes seguidor de uma espiritualidade difusa, sincrética, que se apropria de características de diversas religiões. Assim, Maria, em suas diversas associações aparece comumente nos lares, nas vestimentas e nos adereços de um brasileiro que pode se denominar católico ou mesmo sem religião.

Quanto às formas mais comuns de se dirigir a Maria: Virgem Maria ou Nossa Senhora, vemos que a primeira delas é mais teológica por estar diretamente vinculada ao dogma da Virgindade Perpétua instituído pelo Concílio de Nicéia em 325 d.C. Já a segunda designação, demonstra um elo entre o fiel e o objeto da veneração: a Senhora, através do emprego do pronome possessivo, diminuindo a distância entre os dois e criando uma relação de intimidade.

Devido a estas características interessantes é que a devoção a Nossa Senhora ou a Maria se torna digna de estudo e compreensão. E, dentre todas as invocações da Virgem no Brasil, que passam de 200 (123 no livro de Megale e 260 no livro de Zanon⁶), cabe-nos aqui estudar em especial a iconografia e a devoção a Nossa Senhora dos Remédios, devoção presente no Brasil desde os tempos coloniais e que tem uma íntima relação com o processo abolicionista em nossas terras.

⁶ ZANON, Frei Darlei. *Nossa Senhora de Todos os Nomes: orações e história de 260 títulos marianos*. São Paulo: Paulus, 2011.

NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS: HISTÓRIA E ICONOGRAFIA

No estudo histórico do surgimento dos títulos marianos, Aducci (2003) não se refere a Nossa Senhora dos Remédios, foco deste trabalho, mas nota-se que após o século XI, que coincide com o momento histórico da Reconquista⁷, o número de invocações aumenta expressivamente. Curiosamente, as imagens mais antigas de que se tem conhecimento com a denominação de “Nossa Senhora dos Remédios” datam do século XII e relacionam-se diretamente às batalhas travadas entre cristãos e mouros.

É dentro desta perspectiva da Reconquista que surge a Ordem da Santíssima Trindade, reconhecida pelo Papa Inocêncio III em 1199 com o propósito de libertar os cativos cristãos sob o domínio dos Mouros, com sede em Cerfroid, França. A Ordem dos Trinitários tem sua fundação datada em 1193 e em 1230 institui Nossa Senhora dos Remédios como patronesse e protetora da Ordem (Stroobants, 1991, p. 13). Apesar disto, esta devoção só seja associada oficialmente a esta Ordem em 6 de novembro de 1620, na Bula Papal de Paulo V, que une o título de Nossa Senhora dos Remédios a Confraria da Santíssima Trindade, contribuindo para a difusão da devoção (Porres Alonso, 1985, p. 101).

O fundador da Ordem, São João da Mata teria tido sua primeira visão de Nossa Senhora dos Remédios em Valência, no ano de 1202, quando este orava, atormentado pela imposição dos Mouros em dobrar a quantia exigida pela redenção dos cativos dos quais viera para comprar a liberdade. Durante a oração a Virgem lhe apareceu entregando uma bolsa de moedas para “remediar” a situação em que se encontrava (Porres Alonso, 1985, p. 113). Ainda se tem o relato de mais outras aparições, das quais destacamos

⁷ A Reconquista ou Reconquista Cristã: nomes pelos quais ficaram conhecidas as campanhas militares contra os exércitos mouros que ocuparam a quase totalidade do território da Península Ibérica.

a intervenção sobrenatural na vitória de D. João da Áustria contra os mouros, em Lepanto, no ano de 1571 (Grimaldi-Hierholtz, 1994, p. 39).

As primeiras imagens de Nossa Senhora dos Remédios, datadas do século XII e XIII, se apresentam como esculturas em granito ou madeira, no estilo românico, sempre com a virgem sentada em um trono, trazendo ao colo, sobre seu joelho esquerdo o menino Jesus, também sentado (Figura 1). Uma característica destas imagens é a expressão madura no rosto do menino Jesus, contrastando com sua idade física, que aparenta ser a de uma criança de cerca de 2 a 5 anos de idade. O menino Jesus faz com a mão direita o gesto de bênção latina, com o dedo indicador e mediano levantados, quase verticalmente, simbolizando a dupla natureza de Cristo, enquanto os demais se juntam na palma da mão, simbolizando a sua participação na trindade. Certas imagens apresentam ambos, mãe e filho, coroados. Também variam os objetos⁸ que a Virgem segura em suas mãos. Em algumas vemos uma bolsa de dinheiro na mão direita, numa representação da ajuda entregue a São João da Mata para resgate dos prisioneiros entre os muçulmanos. Em outras representações dos séculos XII e XIII, a virgem apresenta em suas mãos um cetro, simbolizando a sua realeza. Já o menino Jesus é representado segurando ora um cetro, ora um globo terrestre e ora um exemplar da lei de Moisés.

A partir do século XIV até o século XV, passamos a encontrar imagens no estilo gótico (Figura 2). A virgem ainda é representada sentada em um trono com o menino ao colo, mas pode-se observar uma delicadeza maior nos traços e no caimento das vestimentas. A austeridade do estilo românico é substituída por uma leveza de traços nos rostos da Virgem e do menino Jesus, que ainda apresenta uma expressão mais madura que a esperada para a idade representada. A postura dos personagens ainda é rígida, com a Virgem segurando uma bolsa de moedas, podendo estar coroada ou não. Apesar

⁸ Estes “objetos” que acompanham as imagens de Maria são representativos dos atributos de cada denominação mariana, diretamente relacionados aos seus respectivos relatos hagiográficos.

da ausência da coroa em algumas imagens, a ideia de realza continua a se expressar pela existência do tondo onde se assenta. Mais uma vez é digna de nota a presença da bolsa de moedas sendo ofertada por Maria para resgate de escravos. Podemos perceber através da permanência deste detalhe nas imagens que existe até o século XV uma estreita ligação da devoção com a história de São João da Mata e da Ordem da Santíssima Trindade.

Já no século XVI, começamos a encontrar apenas imagens com a Virgem de pé, com o menino ao braço, ora ao lado esquerdo, ora ao lado direito (Figura 3). A bolsa de moedas torna-se facultativa, podendo ser substituída por um cetro ou pelo escapulário⁹. O Renascimento reflete-se na feitura de imagens bem mais suaves, com rostos delicados e feições serenas. As imagens deste período em diante mostram-se muito expressivas, gerando empatia e uma alta carga emocional no observador. Observa-se muitas vezes a presença de vidro nos olhos como forma de conferir mais vivacidade aos mesmos, cabelos humanos e de vestimentas de tecido em algumas delas. Essas características visam assemelhar a imagem aos humanos, mostrando seu papel de intermediária na comunicação entre os homens e Deus.

Do século XVI ao século XX encontramos basicamente três estilos de representações de Nossa Senhora dos Remédios. Um dos tipos faz alusão diretamente a Ordem dos Trinitários, com a Virgem ora trajando o hábito da Ordem, ora vestindo-se com as cores da Ordem, mas sempre trazendo o menino Jesus em uma das mãos enquanto a outra segura uma bolsa de moedas (Figura 4). Os outros tipos encontrados apresentam Maria segurando um ramo de vegetal ou um tipo de vaso ou apenas com a mão estendida à frente (Figuras 5 e 6).

Observando as imagens de Nossa Senhora dos Remédios do século XII ao século XX, podemos perceber alguns atributos que se mantêm presentes em quase todas independentemente da época da escultura ou do local onde

⁹ Na visão que Felix de Valois teve de Nossa Senhora dos Remédios, esta lhe entregou um escapulário, assim, tanto a imagem com a bolsa de moedas como a que segura o escapulário remetem ao mito das aparições marianas aos Trinitários.

foi produzida. Estes são a presença das cores vermelho e azul nas vestimentas da Virgem e do menino Jesus em um de seus braços. Quanto a distribuição geográfica da devoção a Nossa Senhora dos Remédios, vê-se que é possível traçar um caminho começando na França (século XII), passando pelas cidades da fronteira com a Espanha (século XIII), interior da Espanha e chegando a Portugal (século XIII), onde os Trinitários chegaram a ter 11 estabelecimentos (conventos, hospitais e colégios) e de onde lideraram a soltura de mais de 900.000 cristãos escravizados pelos mouros até o século XIX¹⁰. Alguns fatos, porém, chegaram a abalar a execução da missão dos trinitários em terras portuguesas. Em meados do século XV, D. Afonso V instituiu um órgão estatal que seria responsável pela redenção dos cativos, o Tribunal dos Cativos, sendo este o único autorizado para recolher donativos para este fim. A Ordem da Santíssima Trindade fica, portanto, proibida de exercer sua função primordial, passando por um período a limitar suas atividades às de assistência social. Em 7 de julho de 1561, porém, um novo contrato restitui a Ordem a atividade redentora, submetendo-a, porém, a administração da Coroa. Este contrato recebeu a aprovação do Papa Pio IV em 1566. Após o século XVIII a ordem sofreu um rápido declínio ao ponto de não mais existir em Portugal nos dias atuais.

Após expulsão das ordens de Portugal em 1834, os estabelecimentos trinitários passaram a ser administrados pelo governo e a lembrança da Ordem ou de sua relação com a devoção a Nossa Senhora dos Remédios foi aos poucos se apagando da memória do povo. Hoje, o desconhecimento da relação entre Nossa Senhora dos Remédios e a libertação dos cativos em Portugal entre é quase total, persistindo apenas dentro da academia científica. Apesar disso as igrejas de Portugal mantêm uma relação entre a devoção a Nossa Senhora dos Remédios e a prática de solidariedade, possuindo as paróquias que têm esta devoção como orago centros comunitários para atendimento social.

¹⁰ O último resgate geral de cativos efetuado pelos trinitários ocorreu em 1811 em Argel.

NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS NO BRASIL

O anuário católico 2008/2010 registra a existência de 34 paróquias dedicadas à Nossa Senhora dos Remédios no Brasil (Bahia, Pernambuco, Maranhão, Ceará, Amazonas, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná). Estas seguem a trilha da Ordem dos Trinitários no Brasil:

Os irmãos da Santíssima Trindade se empenhavam na difusão de suas devoções específicas e assim trouxeram para o Brasil o culto da Virgem dos Remédios, em honra da qual ergueram capelas em várias províncias do Nordeste (Maranhão, Pernambuco e Bahia) e nas regiões barrocas de Minas Gerais (Megale, 2008, p. 422).

Curiosamente, a primeira missa em ambiente fechado no Brasil foi realizada em uma Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, em Arraial do Cabo, RJ. Esta igreja foi construída em 1506, junto ao marco da chegada de Américo Vespúcio a Arraial do Cabo, que ocorreu em 1503. É uma das mais antigas construções do Brasil, sendo a igreja original feita em pau-a-pique. Em 2003 a igreja passou por uma restauração. Interessante observar que a imagem que hoje está no altar mor da Igreja não apresenta as características esperadas¹¹, pois Maria não segura o menino Jesus ao braço como as demais, mas em sua mão esquerda estendida está depositado um minúsculo menino Jesus como os de presépio. A vestimenta da imagem também não apresenta as cores usuais (vermelho e azul) sendo esta rosa, azul e branca. Maria traz na mão direita uma rosa. Sabe-se, porém, que esta não é a imagem original do século XVI.

Das capelas dedicadas à Nossa Senhora dos Remédios fundadas por membros da Ordem da Santíssima Trindade ou por seus adeptos entre os séculos XVI e XIX, apenas a localizada em Juerana, Bahia é ainda ligada a Ordem dos Trinitários. Esta Comunidade provavelmente tem seu início

¹¹ Esta imagem de Nossa Senhora dos Remédios destoa completamente dos dois padrões iconográficos encontrados na Europa e no Brasil, registrados neste trabalho.

em 1581 com a vinda de um padre francês com Manuel da Nóbrega para a fundação da aldeia de Caravelas, onde erigiu pequena igreja. Hoje a igreja de Juerana tem São João da Mata como seu orago, celebrando-o com grandes festas anuais.

José Hertzner (1975) acredita que o primeiro local onde o culto a Nossa Senhora dos Remédios se estabeleceu tenha sido no Mosteiro de São Bento na Bahia, fundado em 1582, que foi o primeiro mosteiro a ser construído no país. Tendo conhecimento da incursão de um frade da Ordem da Santíssima Trindade na Bahia em 1581 e da existência até hoje de uma igreja trinitária em Juerana, torna-se mais importante o pequeno “santinho”¹² impresso na Bahia, no século XIX com uma representação de Nossa Senhora dos Remédios muito difundida no século XVIII, de autoria de Augustín Sellent (Porres Alonso, 1985, p. 231-233). O desenho apresenta a Virgem vestida com o hábito Trinitário. Na parte inferior, vemos à esquerda quatro cativos em atitude suplicante: três de joelhos e um prostrado. O prostrado tem junto a si um estandarte inclinado encimado pela cruz trinitária. A direita tem-se ajoelhados os fundadores da Ordem dos Trinitários: S. João da Mata, um pouco mais elevado do solo, toma com sua direita o escapulário que o entrega a Virgem e estende a esquerda em direção aos escravos, intercedendo por eles; S. Felix, em um nível inferior, tem as mãos cruzadas sobre o peito em atitude humilde de adoração e suplica. Porres Alonso (1985, p. 547) registra que esta imagem impressa teria a seguinte anotação: “NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS/Padroeira da Celestial Ordem 3.^a da S.S. Trindade da Bahia”. Na imagem lê-se também em francês: “N. D. DU REFUGE (sic)”; e em espanhol: “N. S. DEL (sic) REMEDIOS”. A confraria de Nossa Senhora dos Remédios na Bahia que teria produzido esta imagem foi criada 26 de agosto de 1806.

Esta ilustração mais o fato da existência da igreja de Juerana são evidências da chegada de frades trinitários ao Brasil durante o período escravocrata,

¹² Estampas de santos ou cenários piedosos que demarcam e celebram atos religiosos de natureza sacramental e festiva entre católicos praticantes (Moura, 2006).

podendo, portanto, ter exercido influência na formação de frentes antiescravistas. Partindo da Bahia, os missionários trinitários teriam chegado às principais cidades brasileiras no século XVIII, passando pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Alguns aspectos merecem destaque nesta distribuição geográfica como o fato destas localidades terem importância como regiões de colonização com alta presença de escravos negros. Dentre estas, destaca-se a Capela em Jacareí, SP, construída por Bartolomeu Fernandes de Faria, fazendeiro e proprietário de muitos escravos e, a capela na Praça João Mendes, cidade de São Paulo, construída em 1720, e que abrigou escravos fugidos, uma escola para filhos do ventre livre e o primeiro jornal abolicionista de São Paulo¹³. É digna de menção a existência em 1788 de uma irmandade de Nossa Senhora dos Remédios na capela de Santa Efigênia, no Rio de Janeiro, formada por negros da Costa da Mina, que visava amparar os negros velhos, que porventura fossem deixados à mingua por seus senhores, providenciando medicamentos, vestimentas e um enterro digno¹⁴.

Dentre as demais igrejas e capelas dedicadas à Nossa Senhora dos Remédios no Brasil, destaco aqui as imagens encontradas nas Igrejas em Paraty, RJ e em Fernando de Noronha, PE. Observamos nas duas imagens características bem semelhantes quanto às cores das vestimentas, conservando a Virgem ainda as cores azul e vermelho (cores da cruz trinitária), e o menino Jesus apoiado sobre o braço esquerdo, enquanto que estende o braço direito segurando ou uma taça ou uma flor. Sustentando a Virgem vê-se algumas cabeças aladas de anjos. A mão direita de Maria encontra-se estendida como que a segurar algo.

¹³ Para mais detalhes, ver: Ribeiro, Lidice M. P. *A Libertação de Cativos sob o Manto de Nossa Senhora dos Remédios*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

¹⁴ Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios – Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios situada na Capela de Santa Efigênia, no ano de 1788, com 24 capítulos – documento depositado no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (AHU/CU, Códice 1300).

Paraty, era na época da colonização brasileira um dos principais portos do litoral sul, além de ser o ponto inicial para o caminho em direção a Minas Gerais. A primeira igreja de Nossa Senhora dos Remédios em Paraty foi edificada em 1646 em um terreno doado, sob a condição de que a capela ali construída fosse dedicada à invocação de Nossa Senhora dos Remédios. A imagem ali exposta no altar mor é considerada milagrosa (Megale, 2008, p. 422). A imagem atual é tida como tendo sido adquirida na Espanha no século XIX.

A única igreja católica existente em Fernando de Noronha, é dedicada à Nossa Senhora dos Remédios e foi construída em 1737, logo depois da expulsão dos franceses da ilha. Consta que a primeira imagem de Nossa Senhora dos Remédios teria sido trazida por marinheiros que naufragaram na ilha, tendo a devoção vindo através da confiança na proteção da Virgem obtida na batalha de Loreto. Sabe-se que na segunda expedição enviada por Portugal ao Brasil, saída do Tejo em 1503, o navio Capitânea da esquadra comandada por Gonçalo Coelho, da qual também fazia parte Américo Vespúcio veio a naufragar no arquipélago de Fernando de Noronha. Do arquipélago, Gonçalo Coelho rumou para o sul, costeando a terra até a latitude de 18 graus, entrando no porto de Caravelas onde fundaria uma feitoria com 24 homens antes de retornar a Lisboa. Vale a pena lembrar que Juerana, na Bahia, onde desde o século XVI encontra-se uma igreja trinitária é um distrito da cidade de Caravelas.

A Ilha, porém, foi entregue por doação pelo Rei D. Manuel I a Fernan de Loronha, fidalgo financiador da expedição que a descobrira. Torna-se assim a primeira Capitania Hereditária do Brasil, mas por falta de interesse de seu donatário, permaneceu abandonada. Entre 1635 e 1654, a ilha foi ocupada pelos holandeses, que ergueram a Fortaleza dos Remédios. Após Portugal expulsar os holandeses da ilha, esta ficou novamente abandonada até que em 1736 foi invadida pelos franceses, que lhe ampliaram as construções. Em 1737, os Portugueses expulsam os franceses e erguem a Vila dos Remédios, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e o Presídio. Se esta devoção foi difundida na ilha através de um marinheiro náufrago ou se por

algum devoto trinitário francês no período de ocupação ainda não se sabe. A Virgem dos Remédios é na ilha considerada uma protetora, além de ter o poder para curar doenças e males sociais e espirituais. A partir de 1768, passou a ser a padroeira da Ilha.

É importante ainda destacar a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios construída na Praça João Mendes, São Paulo, em meados de 1720, demolida em 1942 e reconstruída em outro local em 1944. Esta igreja, na qual se reunia a confraria de mesmo nome teve grande participação nas ações que colaboraram para a proclamação da abolição da escravatura no Brasil.

O arquiteto Carlos Faggin em uma pesquisa realizada em 1985 conseguiu identificar 3 imagens de Nossa Senhora dos Remédios nesta Igreja. Dentre elas, uma imagem depositada no então coro da igreja, da qual foi dito ser a que ocupou originalmente o altar mor da primeira igreja. Provavelmente se tratava da imagem original do século XVII, hoje desaparecida. Na foto tirada por Faggin (1986, p. 63), pode se ver que a Virgem está vestida com um manto da Ordem da Santíssima Trindade com a cruz trinitária ao peito¹⁵. No braço esquerdo traz o menino Jesus enquanto que estende o braço direito à frente. As duas outras imagens que se encontram no templo atual, apresentam entre si características semelhantes. A imagem que se encontra no altar principal apresenta a Virgem com um manto azul e vermelho estrelado, e cruz no peito. Com os cabelos soltos, sem véu, apoia o menino Jesus sobre o braço esquerdo enquanto segura seus pés com a mão direita. O menino Jesus, por sua vez, aparentando ter cerca de cinco anos, usa uma túnica rosa e dourado e estende a mão direita em sinal de benção. Tanto a Virgem como o menino são coroados. A imagem utilizada nas procissões de comemoração do dia de Nossa Senhora dos Remédios, apesar de ser de confecção mais rústica, possui as mesmas características exceto pela ausência de coroa no menino Jesus.

¹⁵ A mesma cruz trinitária pode ser vista ainda no brasão mariano oriundo da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios original, que se encontra preservado no Museu de Arte Sacra de São Paulo.

É interessante observar que toda a obra redentora realizada pela Igreja de Nossa Senhora dos Remédios na cidade de São Paulo tem uma grande semelhança a obra realizada pelos frades trinitários em Portugal e França. Também nos salta à vista o fato que as duas imagens remanescentes e a fotografada por Faggin apresentarem características que remontam à origem da devoção trinitária.

Na cidade de Caxambu encontramos outra das primeiras capelas dedicadas à Nossa Senhora dos Remédios no Brasil, datada de 1748¹⁶. Outras fontes, porém, datam a capela em 1868. Não há muitos indícios que liguem a capela do século XVIII a Ordem da Santíssima Trindade. Não há também uma datação certa da imagem que hoje é exposta no altar principal. Consta que a mesma voltou ao altar mor após a reforma de 1952. O que chama a atenção é o fato da Virgem trajar-se de azul e rosa e segurar o menino Jesus no braço esquerdo enquanto que traz à mão direita um ramo de uma planta. Pelas características desta imagem, parece-me que a mesma remonta ao século XX e que por isso já traz em si uma reinterpretação do simbolismo de Nossa Senhora dos Remédios, remetendo-a à cura de doenças (representada pela erva em suas mãos) e não mais a soltura de cativos. Teria, portanto, havido uma substituição de imagens, acompanhando a mudança do enfoque da devoção mariana. Hoje, tanto no Brasil como em Portugal, a devoção a Nossa Senhora dos Remédios é entendida como uma referência a resolução de problemas ligados a saúde física.

Corroborando a hipótese da gradual substituição da ligação de Nossa Senhora dos Remédios a libertação de cativos para a cura de doenças e proteção, João do Rio (1908), referindo-se às orações mais utilizadas no Rio de Janeiro, no início do século XX, referencia-se a de Nossa Senhora dos Remédios, usada pelas mães de recém-nascidos: “Acompanham-na a oração para a dentição e a de Nossa Senhora dos Remédios, logo depois de nascido”.

¹⁶ AMARAL, Leandro. Caxambu. *Jornal da Orla*. Santos, 2008. Disponível em: <<http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/9348-caxambu/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS E NOSSA SENHORA DO LEITE: ASSIMILAÇÕES E SINCRETISMOS

Uma curiosa diferença iconográfica é observada em algumas igrejas dedicadas a Nossa Senhora dos Remédios em Portugal e no Brasil. O fato foi observado em Lamego, Portugal, que tradicionalmente é considerado um local de peregrinação quase tão importante quanto Fátima, em uma pequena cidade também de Portugal, chamada Bobadela e no Brasil, na cidade de Piripiri, PI. As imagens de Nossa Senhora dos Remédios nestas três localidades em especial apresentam-se com as características de “Nossa Senhora do Leite”.

A devoção à Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Lamego tem seu início no século XIV. Frei Agostinho de Santa Maria afirma ignorar a origem da imagem venerada em Lamego, porém sugere que ela possa ter sido trazida de Roma, para o altar da capela construída em 1568 (Marrana, 2001, p. 28). Também dá a entender que possa ter existido uma imagem anterior que seria cultuada na capela de Santo Estevão, a primeira construída no local, no ano de 1361.

Marrana (2001, p. 29), porém, registra um inventário dos bens da capela realizado em 16 de agosto de 1741, onde teriam sido arroladas 3 imagens de Nossa Senhora dos Remédios sendo uma delas descrita como: “outra imagem da mesma senhora pequenina, com uma coroa de prata, com caixa de lata que fez o ermitão”. Marrana identifica as duas outras imagens que constam no inventário como sendo imagens de Nossa Senhora do Leite existentes na Igreja atual, ficando uma no altar mor e outra em cima de uma mesa em dias de festa e registra que, fazendo pesquisas nas salas superiores a sacristia, deu por encontrar a outra imagem: “Encontramos dentro de um oratório velho uma imagem que tinha na peanha a seguinte legenda a letras de ouro: Nossa Senhora dos Remédios” (Marrana, 2001, p. 30).

Marrana (2001, p. 30) datou esta imagem como sendo do século XIV e se surpreendeu pela mesma não possuir os traços de Nossa Senhora do Leite como as imagens veneradas hoje no santuário: “tem o menino Jesus

nas mãos, a segurar uma pombinha e uma esfera”. Conclui então que esta deveria ser a imagem mais antiga que seria venerada na capela de Santo Estevão e que as imagens de Nossa Senhora do Leite teriam sido trazidas posteriormente, no século XVI.

Fato é que no acervo do *Inventário da Coleção de Registro de Santos*, de Ernesto Soares (1955, p. 218), há a descrição de uma figura (03040) de Nossa Senhora que corresponde à mesma imagem de Nossa Senhora do Leite que hoje se encontra no altar mor (Figura 7):

Nossa Senhora do Remédios – Numa moldura tipografada. Nossa Senhora em corpo inteiro amamentando o Menino, ambos coroados. INS – Nossa Senhora dos Remédios – que se venera na sua Real Capela junto à Cidade de Lamego. – Tomada sob a real e imediata proteção de Sua Majestade El Rei D. Pedro V por alvará de 30 de novembro de 1858.

O mesmo é observado na Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Bobadela, Portugal, onde a imagem de Nossa Senhora dos Remédios se apresenta com Maria a amamentar o menino Jesus, a semelhança da imagem em Lamego (Figura 8).

No Brasil, a devoção a Nossa Senhora dos Remédios sob a iconografia de Nossa Senhora do Leite pode ser observada no Piauí, na cidade de Piripiri (Figura 9). A fundação desta cidade remonta ao período entre 1840-1844, quando o Padre Domingos de Freitas¹⁷ e Silva, vindo buscar refúgio após ter lutado pela independência do Piauí construiu uma casa e ao lado, uma capela dedicada à Nossa Senhora dos Remédios¹⁸. Consta que a imagem

¹⁷ O padre Domingos de Freitas e Silva é considerado o fundador da cidade. Em 1844, ele teria começado a cultivar terras que fariam parte do engenho Anajás. Posteriormente, o padre teria dividido as terras do engenho em lotes doando-os, dando origem à cidade de Piripiri.

¹⁸ O padre Domingos de Freitas e Silva, filho de portugueses, estudou no seminário de São Luis, MA, cidade onde a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios data de 1719, construída no período do bispado de Dom Frei José Delgarte, da Ordem da Santíssima Trindade e Redenção de Cativos (Bispo de Maranhão e Pará de 1716 a 1724).

original trazida no século XIX pelo padre Domingos para esta capela está no Convento Franciscano desde 1953. Esta imagem apresenta a Virgem segurando o menino Jesus nu, apoiado sobre o braço direito. Não apresenta as características encontradas nas demais imagens de Portugal, França, Espanha e Brasil, como as vestimentas em vermelho e azul, cruz ao peito e a mão esquerda estendida. A Virgem representada nesta imagem possui as vestes nas cores verde, vermelho e dourado e não apresenta a mão estendida, mas ambas as mãos seguram o menino. Mesmo que esta imagem não tenha sido a originalmente entronizada no século XIX, é importante observar que a devoção original a Nossa Senhora dos Remédios em Piripiri não tenha sido a uma imagem de Nossa Senhora do Leite, como a que hoje se encontra no altar mor da Paróquia. É muito provável que a imagem, entronizada pelo Padre Domingos fosse relacionada a devoção original dos Trinitários, visto que estudou no Seminário de São Luis, MA, onde a devoção a Nossa Senhora dos Remédios chegou no século XVIII, trazida pelo Bispo Dom José Delgarte, frade da Ordem da Santíssima Trindade e Redenção dos Cativos.

A imagem atual desembarcou em Parnaíba e foi trazida em procissão até Piripiri. O livro de tombo da Paróquia registra:

A imagem que orna o altar mor desta Matriz adquirida por iniciativa de uma pessoa piedosa auxiliada pelo povo, substituiu a antiga padroeira de vulto menor e muito imperfeita. Foi benta solenemente no Domingo de Pentecostes, 30 de maio de 1909. Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, 1º de junho de 1909.

A troca da imagem teria se dado pela primeira ter dimensões reduzidas e ser considerada imperfeita. Daí a vinda de uma imagem de grandes proporções e vinda do exterior, com influência, portanto da devoção já estabelecida em Lamego, Portugal.

Digno de nota é o fato de que a imagem de Nossa Senhora do Leite foi rapidamente aceita e entronizada com o título de Nossa Senhora dos Remédios, apesar da nova imagem apresentar Maria amamentando o menino

e não apenas o segurando em suas mãos como a anterior. A fácil aceitação da troca da imagem demonstra que, mesmo que a devoção originalmente trazida pelo Padre Domingos possa ter tido ligações com o mito trinitário, isto foi aos poucos se perdendo na devoção popular.

Moisés Espírito Santo (1988, p. 29) demonstrou em seu trabalho sobre as origens da religião portuguesa que o deslocamento da devoção gera novos topônimos. Para ele, a divindade que se cultua fora de sua localidade de origem já não é mais a mesma, mas sim cópias ou procuradoras da original. Para justificar sua afirmação, Espírito Santo utiliza-se do exemplo de Nossa Senhora da Conceição, que quando assume o nome de outra localidade que não o de sua origem (Valos), parece assumir uma outra identidade. O poder mágico atribuído ao espaço sagrado da primeira aparição (que impregna o topônimo) modifica a essência do nome apesar da invocação parecer a mesma.

Os topônimos dos cultos são só por si fonte de poder religioso, da “virtude” da senhora. O sagrado depende fundamentalmente do espaço sagrado. O cariz milagroso das senhoras reside no topônimo, exclusivamente no nome e no topônimo. Imagens iguais com o mesmo nome tem sorte diversa, conforme topônimos: a Senhora da Conceição de Vagos “é muito forte”, a Senhora da Conceição de Carnaxide “já valeu muito e hoje vale pouco” [...] O poder vem-lhe do espaço onde mora, afirma-se ou decresce conforme as conjunturas, os modos de produção e certas tendências gregárias impossíveis de circunscrever (Espírito Santo, 1988, p. 30).

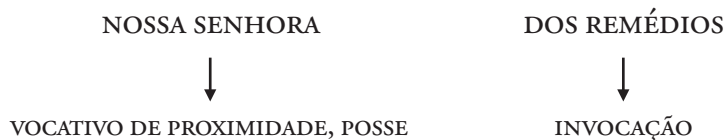
Cada Nossa Senhora seria, portanto, possuidora de um território, o que as histórias de imagens que se recusam a permanecer em local diferente do local de onde a aparição ocorreu parece corroborar. Assim, podemos perceber que a devoção em si, juntamente com a ideia de territorialidade contribui para assegurar uma identidade ao fiel, através de “uma forte coesão do grupo étnico e social” (Carvalhinhos, 2005, p. 132).

Segundo Câmara Cascudo (2002, p. 731), “o estado virginal confere poderes sobrenaturais. Certos remédios dobram de eficácia se servidos por mão de virgem”. Talvez aí resida o segredo da transposição de significados

atrelada a mudança iconográfica. A assimilação do novo significado de “remediar” uma situação difícil para dar remédio aos males humanos. Se o leite materno é o primeiro e mais forte medicamento natural, sendo leite virginal¹⁹, maior a sua eficácia sobrenatural.

O TÍTULO “NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS” ONTEM E HOJE

“Esquemáticamente, Maria é o referente do qual derivam várias invocações, na terminologia católica; numa primeira análise, podemos pensar que Maria se encontra num eixo sintagmático do discurso, e no eixo paradigático estão todas as suas denominações” (Carvalhinhos, 2005, p. 173).



Em sua análise sobre as invocações marianas no território de Portugal, Carvalhinhos (2005, p. 179) destaca a elevada quantidade de invocações que se referem ao que a Virgem oferece (em termos de proteção) ou cura. Dentre as invocações que esta autora considera como sendo referentes a benefícios, onde uma situação desejada seria alcançada ou um estado aflitivo seria afastado, encontra-se a Nossa Senhora dos Remédios. O fiel entra “em conjunção com seu objeto de desejo (alívio, proteção, solução)” estabelecendo “uma relação com o destinatário [a senhora]” (Carvalhinhos,

¹⁹ Ressalta-se que o dogma da virgindade perpétua de Maria foi proclamado em 649, pelo Concílio Ecumênico do Latrão, retomado pelo II Concílio de Constantinopla (553) e confirmado por outros dois Concílios Ecumênicos: o Lateranense IV (1215) e o Concílio de Lião (1274), e pelo texto da definição do dogma da assunção (1950), no qual a virgindade perpétua de Maria é adotada entre os motivos da sua elevação, em corpo e alma, à glória celeste.

2005, p. 184). Em um levantamento em Portugal, Carvalhinhos (2005, p. 201) relaciona 39 locais de invocação de Nossa Senhora dos Remédios.

François Stroobants (1991) aproxima os significados das palavras remédio e redenção, e defende que São João da Mata, fundador da Ordem dos Trinitários e seus primeiros discípulos decidiram invocar a Virgem por um título especial relacionado às atividades de libertação dos cativos realizada pela ordem: Nossa Senhora do Resgate ou da Redenção. Propõe que tenha acontecido uma troca entre a palavra medieval *redemium* e a palavra *remedium* (em francês *redeme* e *remede*) ou mais provavelmente, devido ao fato de nos tempos medievais, particularmente nos séculos XII e XIII, *remedium* ter o significado de redenção, aquela palavra poderia substituir frequentemente a outra.

São João Damasceno, referindo-se a Nossa Senhora dos Remédios, diz que é “a saúde perfeita das almas; porque esta Senhora não só se compadece dos nossos males e misérias temporais; mas muito mais das enfermidades das almas, procurando-nos sempre saúde delas. Tudo isso experimentam os devotos de Milagrosa Senhora” (Santa Maria, 1707, tomo 3, p. 227). O mesmo autor diz que o significado da palavra Remédios está nas cinco letras da palavra MARIA: M – Maria; A – advocata; R – remedia; I – imperat; A ou AE – Aeguis. Assim fecha a palavra *Maria advocata remedia imperat aeguis* que significa Maria, nossa advogada, alcança o remédio para os enfermos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iconografia de Nossa Senhora dos Remédios representa diretamente a relação entre o fiel e sua devoção. Dessa forma, vemos que, coincidentemente com as referências das primeiras visagens desta invocação, surgem imagens com representação relacionada ao mito da aparição a São João da Mata. Com a expulsão da Ordem dos Trinitários em Portugal em 1834, juntamente com as demais ordens religiosas, a relação entre a devoção a

Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem dos Trinitários se perde. Aos poucos, as paróquias que lá permanecem tendem a substituir a bolsa de moedas por outros objetos, como um ramo ou um cetro. A invocação não desaparece, como Carvalhinhos pôde comprovar, mas perde sua conexão com a Ordem da Santíssima Trindade. Nos demais países onde a Ordem dos Trinitários se instala, porém, não ocorre esta mudança, sendo ainda observadas representações de Nossa Senhora dos Remédios portando o manto trinitário e/ou a bolsa de moedas.

No século XIX, com a extinção progressiva da escravidão africana, luta a que se dedicaram os Trinitários após o final das Cruzadas, a Ordem se reestrutura em função de remediar todos os problemas sociais que “escravizam” a humanidade, incluindo doenças, e a narco-dependência. Juntamente, há uma mudança progressiva do sentido e compreensão da devoção, deixando esta de ser ligada à libertação de cativos (redenção) para se tornar uma proporcionadora de saúde e bem-estar (remediar). Assim, do século XIX em diante, as representações de Nossa Senhora dos Remédios, exceto as pertencentes a igrejas e conventos da Ordem Trinitária, passam a não mais apresentar a bolsa de moedas e sim a mão estendida a oferecer todo tipo de “remédio” aos homens.

Aos poucos a concepção de remédio e saúde passam a pontar para a vida, fazendo com que certas imagens de Nossa Senhora dos Remédios se apresentem amamentando o menino Jesus, como que a referendar o simbolismo do leite materno como elemento vital e conferidor de saúde aos seres humanos desde o seu nascimento. Assim as imagens de Nossa Senhora dos Remédios acabam por se tornar uma versão de Nossa Senhora do Leite.

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 1 – Virgen del Remedio – Igreja Paroquial de Santa Coloma, Andorra – século XII. Fonte: Stroobants, 1991.

Figura 2 – Nossa Senhora dos Remédios – Colmenar Viejo, Madrid, Espanha – Ermida de Nossa Senhora dos Remédios – século XIV. Fonte: Porres Alonso, 1985.

Figura 3 – Nossa Senhora dos Remédios em Badajoz, Espanha – século XVI. Fonte: Stroobants, 1991.

Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 4 – Nossa Senhora dos Remédios – Mosteiro Trinitário em São Miguel Paulista, SP – Século XVIII. Fonte: Foto da autora.

Figura 5 – Nossa Senhora dos Remédios – Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, Cambuci, São Paulo, SP – século XX. Fonte: Foto da autora.

Figura 6 – Nossa Senhora dos Remédios – Paróquia de Carcavelos, Portugal – século XVIII. Fonte: Foto da autora.

Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 7 – Nossa Senhora dos Remédios – Santuário de Lamego, Portugal – Século XIX. Fonte: Foto da autora.

Figura 8 – Nossa Senhora dos Remédios – Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, Bobadela, Portugal – Século XX. Fonte: Foto da autora.

Figura 9 – Nossa Senhora dos Remédios – Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, Piripiri, PI – Século XX. Fonte: Site da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios. Disponível em: <<http://paroquiadosremedios.com/>>. Acesso em: 29 jun. 2013

REFERÊNCIAS

- ADUCCI, Edésia. *Maria e seus Títulos Gloriosos*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ANTONIAZZI, Alberto. O catolicismo no Brasil. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos Tempos: Tradições religiosas no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1989. p. 13-36.
- CAMARGO, Cândido Procópio F de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *Hierotoponímia portuguesa*. De Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de caso: as Nossas Senhoras. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Religião: da origem a ideologia*. Ribeirão Preto: Funpec Editora, 2002.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *Origens orientais da religião popular portuguesa, seguido de um ensaio de toponímia antiga*. Lisboa: Assirio e Alvim, 1988.
- FAGGIN, Carlos Augusto Mattei. Notas sobre o paradeiro dos retábulos da antiga Igreja dos Remédios em São Paulo. *Revista Sinopses*, São Paulo, n. 9, p. 63, 1986.
- GRIMALDI-HIERHOLTZ, Roseline. *L'Ordre des Trinitaires*. France: Fayard, 1994.
- HERTZER, José. *A Confraria de Nossa Senhora dos Remédios 1722*. São Paulo: [s. n.], 1975.

MARRANA, Cônego José Antonio. *História do Culto de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego*. Lamego: Tipografia Voz de Lamego, 2001.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MENEZES, Renata de Castro. A benção de santo Antônio num convento carioca. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 24-35, 2005.

MOURA, Margarida Maria. Santos Santinhos: um fragmento da vida sacramental, festiva e familiar da alta classe média carioca 1910-1960. *Cadernos CERU*, São Paulo, n. 17, p. 145-175, 2006.

PORRES ALONSO, Bonifacio; ARIETA ORBE, Nicolas. *Santa Maria del Remedio: historia de una advocación mariana, con noticias de mil imágenes y santuarios y doscientos ochenta y nueve ilustraciones*. Córdoba: Editora Secretariado Trinitario, 1985.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Domínio Público, 1908. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000183.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Condicionamentos Sociais do Catolicismo Popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 142-170, 1976.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano*. Lisboa: Oficinas de Antonio Peroso Cabráo, 1707-1723. 10 v.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SILVA, Antonio da. *Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2003.

SOARES, Ernesto (Org.). *Inventário da Coleção de Registos de Santos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1955. Disponível em: <<http://purl.pt/700>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

STROOBANTS, François. *Notre-Dame du Remède ou du Rachat*. Marseille: Imprimerie Montgrand, 1991.

Recebido em: 30/03/17

Aprovado em: 20/05/17